

Candidato diz que é golpe mudar regime

Num ambiente descontraído, quando até pegou a máquina de um cinegrafista para filmar os jornalistas, o candidato do PRN à Presidência da República, Fernando Collor de Mello, deu ontem entrevista em sua casa no Lago Norte em Brasília. O candidato do PRN considerou a idéia de antecipar o plebiscito para decidir sobre a mudança do sistema de governo para parlamentarismo "um golpe" e disse que ampliará as negociações com vista ao segundo turno só depois da proclamação oficial do Tribunal Superior Eleitoral.

O QUE ELE DISSE

Como o senhor recebeu o resultado?

É preciso aguardar a proclamação oficial do resultado pelo Tribunal Superior Eleitoral. A partir daí acredito que sejam iniciados os entendimentos para que possamos estabelecer alianças, mas sempre em torno de um ideal, alianças em torno de um projeto nacional, dentro da social-democracia, dentro dos avanços já incorporados pela sociedade à nossa Constituição.

Quem o senhor gostaria de enfrentar no segundo turno?

Não tenho preferência. Eu acho que qualquer que venha a ser o meu adversário no segundo turno estarei disputando com ele com todo o respeito e com toda a consideração.

Que tipo de aliança o senhor admite no segundo turno?

Não se pode estreitar em nenhum instante a possibilidade de uma aliança. Até porque se esta aliança for em torno de um ideal, a incorporação dos diversos setores é muito bem-vinda porque nós temos na nossa proposta, o nosso programa de governo nitidamente progressista, nitidamente amparado nos ideais sociais-democratas e todos aqueles que quiserem nos ajudar para implementar essa nova proposta para o Brasil serão todos bem-vindos.

O senhor não vê nenhuma surpresa no desenrolar da apuração dos votos?

Agora já mais de 50 por cento dos votos apurados há uma tendência se cristalizando. Esta tendência confirma os prognósticos de todos os institutos de pesquisa. Acredito que, no que diz respeito à primeira colocação não haverá nenhuma mudança. Vamos apenas aguardar que se defina aquele que estará junto conosco na disputa do segundo turno.

O senhor não teme nenhum tipo de surpresa no comportamento do eleitor?

Eu fiquei agradavelmente surpreendido e muito grato ao estado de São Paulo, que vem me confirmando a primeira colocação, tendo o estado de São Paulo cinco ou seis candidatos de lá. Isso naturalmente demonstra que a nossa mensagem ultrapassou as fronteiras da nossa região, o Nordeste. Minas Gerais está indo muito bem e temos algumas perspectivas, es-

tamos esperando. Aqui também, nosso prognóstico dava uma diferença de três para um, e é o que está ocorrendo.

No Nordeste o Lula chegou a ter uma votação mais expressiva do que se esperava. O senhor acredita que diante disso tenha que reforçar suas alianças para garantir o segundo turno?

Não. Eu acho que a questão do candidato do PT a mim em nada surpreendeu. Porque desde o início da campanha eleitoral, seis ou sete meses atrás, eu dizia que achava que no segundo turno estaria o candidato do PT. E isso se confirmou. Naturalmente, a posição que ele vem alcançando em regiões como o Nordeste, Norte, e mesmo o Centro-Oeste, é uma posição que demonstra a participação da Igreja. A Igreja que se incorporou, a Teologia da Libertação se incorporou à candidatura do PT e isso ficou expresso na votação que vem sendo obtida por ele no Norte, Nordeste do País.

Como será sua campanha para o segundo turno?

Nós temos primeiro que aguardar que se defina o candidato que estará no segundo turno. A partir daí é que nós estaremos estabelecendo a estratégia, porque dependendo de quem venha a ser, nós teremos táticas diferentes.

Em relação ao deputado Ulysses Guimarães, ele garantiu que não apóia sua candidatura e começa a articular o parlamentarismo. Como o senhor está vendo esta estória?

Eu esperava que esta declaração do doutor Ulysses a favor do parlamentarismo agora não tenha sido bem entendida. Eu acredito que uma imposição como esta não está à altura de uma pessoa como o doutor Ulysses com tantos serviços prestados à causa democrática. O parlamentarismo agora significa um golpe inaceitável e inadmissível sob todos os aspectos.

O senhor está pensando em trocar o Vice?

Não.
O que o senhor negocia para o segundo turno? O senhor negocia Ministérios...

Não. Não há nada a negociar. A minha candidatura não negocia absolutamente nada. Eu posso estabelecer, sim, entendimentos em torno de um ideal, de uma proposta consistente de reconstrução nacional.

O senhor é que estabelece condições?

Não, porque a gente não pode ter entendimentos numa área estabelecendo condições. A minha candidatura está aí, posta há muito e muito tempo. Nós temos uma proposta de governo, um programa de governo. Este programa de governo é conhecido. Então, este é o primeiro ponto e aqueles que desejarem manter um entendimento sabem que têm que partir da aceitação do nosso programa de governo. Porque nós não haveremos de mudar nossas propostas em função de uma disputa eleitoral.

O senhor admite conversar com quem?

A política é a própria vida em sociedade exige que as conversas possam ser estabelecidas com todos. Não pode haver ne-

nhum preconceito. Agora, uma coisa é conversar, a outra é estabelecer entendimentos fora dos parâmetros que nós estabelecemos. Isto nós não vamos fazer.

O senhor disse que não aceita o apoio da direita. O senhor pretende vencer o segundo turno com quem?

Não é a questão da direita. Acho que devo ter sido interpretado de uma forma um pouco diferente. A questão é que nós não podemos aceitar apoio de pessoas que não estejam de acordo com as nossas propostas de governo.

Por exemplo?

Não saberia te dizer quem, mas fundamentalmente nós temos nossa proposta, nosso programa de governo. As pessoas que não concordam com essa proposta de governo naturalmente não podemos aceitar o apoio delas porque seria um conflito drástico, dramático e isto não tem sentido.

É preciso ter muita cautela para dar cada passo. Como o senhor está reagindo?

Eu sempre procurei ser muito cauteloso, muito prudente, por mais que eventualmente tenha tomado posições duras, posições rigorosas. Mas elas foram fruto de um amadurecimento das nossas posições. Não é que um momento seja mais delicado que o anterior. Essa fase em que o Brasil define o seu destino é extremamente delicada como um todo. Por isso, nós precisamos estar atentos para os golpes que queiram eventualmente dar, que queiram desferir em nosso sistema democrático, nas nossas instituições. Isso foi feito com sistemática de ação por vários indivíduos ao longo do processo eleitoral. Nós temos apenas que estar atentos para impedir que o processo democrático seja estacando e que possamos finalmente chegar ao final dessa eleição com o presidente eleito pelo voto do povo.

O senhor está muito magoado com o debate?

Não. Eu não tenho, absolutamente, nenhuma mágoa. Eu acho que quando a gente carrega a fé, quando a gente tem sobretudo fé e muita crença em Deus eu acho que essa questão de mágoa não acontece. Então estou muito tranquilo, muito satisfeito, muito contente, muito gratificado por ter participado depois de 30 anos quase sem eleições para presidente. Ter sido participante desta eleição presidencial, ter sido protagonista de uma eleição aos 40 anos de idade, representando uma geração que aí estava, não somente desassistida de esperanças, mas, sobretudo, desejava de ver o reencontro da modernidade com o futuro governo a ser eleito aqui no Brasil.

O senhor diz que é social-democrata, os candidatos Lula e Brizola também dizem o mesmo. Quer dizer que só tem social-democrata nesse segundo turno?

Eu não conheço o programa do ex-governador Brizola, nem do deputado Luiz Inácio Lula da Silva. Eu conheço o meu programa. Até porque eles não divulgaram ainda, as suas propostas de governo.